



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 5 DE JUNHO DE 1998

Senhores Ministros; Senhores Funcionários que aqui se encontram,

Convoquei esta reunião para nós tomarmos algumas medidas e para que eu possa saber que medidas já foram tomadas, no que diz respeito à questão da seca que está afligindo o Nordeste do Brasil.

Mas, antes mesmo de lhes pedir que, sucintamente – cada um terá três minutos –, me contem o que está sendo feito e o que pode ser feito, queria também dizer que recebi informações detalhadas do INPE–Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais sobre a evolução meteorológica no Brasil, que é uma notícia que convém transmitir.

Aqui, *El Niño*, que é o responsável por todas essas perturbações climáticas, entrou em fase de declínio no mês de maio. Esta é uma fase final e ele deve desaparecer no curso do mês de junho.

Isso significa – e, por isso, acho que essa notícia tem um significado realmente importante – que nós podemos imaginar que haja chuva na Zona da Mata. A previsão meteorológica é uma previsão, mas o temor de que *El Niño* não permitiria chuvas na Zona da Mata do Nordeste – com o seu desaparecimento – já se pode começar a dissipar, o que não

quer dizer que nós não tenhamos que estar ativos, acompanhando, para ver se, efetivamente, haverá essa dissipação.

Isso significa, também, que no agreste, embora possa haver chuvas, elas ainda serão abaixo da média. Mas pode haver chuvas. Isso também significa que não há previsões de inundações. *El Niño* produz, normalmente, estiagem no Nordeste e inundações no Sul do Brasil. Na medida em que *El Niño* se dissipe, essas inundações não são previstas pela meteorologia.

Mas, no sertão não há mais expectativa, porque a época de chuva, ali, já passou. Essa é a razão pela qual estou pedindo que nós, aqui, nos concentremos sobre o que está acontecendo no atendimento à Região Nordeste, ao sertão, ao agreste. Pediria que cada um dos senhores desse, realmente, um relato breve, sucinto e com objetividade. E, nesse sentido, peço que o Doutor Sérgio Moreira, Superintendente da Sudene, comece e, depois, sucessivamente, até que os Ministros também possam dar a sua opinião.

[Segue-se intervenção do Doutor Sérgio Moreira, Superintendente da Sudene].

Eu pediria, agora, ao representante do Banco do Nordeste, o Superintendente Antônio Arnaldo de Menezes, que nos dê conta dos recursos. Liberei – como disse o Doutor Sérgio Moreira – 450 milhões de reais para o Banco do Nordeste, de tal maneira que ele pudesse atender à população necessitada. E, no caso dos mini e pequeno produtores, eles terão abatimentos de 50% da dívida, e isso tudo com uma taxa de juro reduzida. Está andando o programa, quer dizer, o dinheiro está chegando na mão de quem precisa ou ficou no meu decreto?

[Segue-se intervenção do Doutor Antônio Arnaldo de Menezes, Superintendente do Banco do Nordeste].

Muito obrigado. Queria, também, aproveitar para anunciar que estou liberando, hoje, 600 milhões de reais que correspondem ao que o Governo Federal vai aportar para a organização das frentes produtivas.

São 600 milhões de reais. A isso se somam, como que já foi dito pelo Doutor Sérgio Moreira, 71 milhões de reais através do Ministério do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, para a execução de poços e obras de reservatórios de água. E, além disso, mais 153 milhões de reais para sustentar o programa de distribuição de cestas básicas. Ou seja, nós estamos liberando, hoje, cerca de 800 milhões de reais – um empréstimo cuja metade será a fundo perdido, ou seja, 450 milhões de reais.

Quero também dizer que isso tudo requer uma integração muito grande entre o Governo Federal, os governos estaduais e os governos municipais. O Governo Federal não tem funcionários no local. O Governo Federal pode ter algum recurso – e tem – e mobiliza, mas a responsabilidade direta é de funcionários municipais e estaduais. Tem havido apoio. Tem havido apoio dos prefeitos, tem havido apoio dos governadores. Nós temos que fazer um entrosamento. Não estão presentes, aqui, o Ministro da Saúde e o Ministro da Educação, depois digo algo sobre isso. Mas os outros Ministros também acrescentarão o que, em cada uma de suas Pastas, está sendo feito para que o Nordeste perceba que o Governo está trabalhando, intensamente, para fazer frente a um flagelo que nós não podemos evitar, mas cujas consequências nós podemos minorar.

Pediria ao Ministro Ovídio de Ângelis que falasse, agora, como Secretário de Políticas Regionais.

[Segue-se intervenção do Ministro Ovídio de Ângelis].

Bem, queria chamar a atenção dos Senhores Ministros e dos Senhores Funcionários para um fato que me parece que é inovador e que precisa ser feito mesmo, que é não apenas fazer frente de trabalho para pegar pedra em um lugar e botar em outro – às vezes, não há outra alternativa, e nós somos realistas, é preciso fazer porque as pessoas têm que ter recursos para sobreviver –, mas nós temos também que dar educação e capacitação profissional. A frente produtiva não pode ser só uma frente para fazer um trabalho eventual, foi bem dito pelo Secretário de Políticas Regionais. É preciso que elas se transformem em um instrumento

para obras perenes. Há muitas obras que estão lá sendo realizadas e nós devemos juntar as coisas. Mas, sobretudo, é preciso também dar educação.

Esse programa do Ceará, que vai se estender também a outros estados, é muito importante: fazer com que o trabalhador aproveite a oportunidade para aprender e receba um dinheiro para aprender e não, simplesmente, fazer trabalhos eventuais.

Pediria, agora, ao Ministro do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Doutor Krause, que nos diga a quantas andamos com os recursos hídricos.

E, francamente, acho que nós estamos em um momento no Brasil e no Nordeste – em especial no Nordeste – em que nós temos que fazer acontecer. E quando as coisas estiverem erradas, não há que esconder, há que dizer, para a gente poder combater. O ser humano não é perfeito. A máquina política também não. Então, muitas vezes, as coisas não acontecem como se deseja, mas é preciso que a gente faça um esforço para que elas aconteçam. Ministro Krause.

[Segue-se intervenção do Ministro Gustavo Krause].

Acho que, dessa forma, a população nordestina e a brasileira ficam vendo que muita coisa está sendo feita. O que não quer dizer que quem esteja hoje, no Nordeste, na seca, no sertão, possa se consolar com isso, não pode. Porque uma coisa é o que nós estamos fazendo, que foi pedido – e é certo – as obras reestruturadoras do Nordeste, que levam tempo, o Ministro disse aqui.

Conheço algumas dessas obras, ou todas, na verdade. Estive em Cabugi, fui lá a Petrolina, enfim, sei onde estão Curema-Mãe D'água e Jucazinho, Castanhão. Eu sei, fui a todas. Agora, isso não nos exime da luta cotidiana, agora, porque o flagelo da seca nos pegou a todos, mas alcançou, também, obras do Governo. Não estão prontas, muitas delas, porque leva tempo.

Então, por isso, ao mesmo tempo, nós estamos continuando essas obras, ação imediata, para atender à população do Nordeste. E quero deixar claro que a população do Nordeste não está sozinha. Nós temos um compromisso, esse compromisso está claro. Nós estamos fazendo

coisas, vamos fazer mais, e temos o compromisso de seguir adiante, com todas as dificuldades que possa haver na organização inicial de todos esses programas.

Quando a seca, realmente, for mais forte – e será, no sertão, porque a chuva não virá, a colheita seria a partir de junho e não haverá colheita – nós já estaremos organizados.

Portanto, não há nenhuma razão para saquear, nenhuma razão. Claro que a pessoa que está com fome reclama. Eu entendo, sou solidário. Agora, quem organiza, para fins de baderna, fins políticos, está desservindo ao Nordeste. Nós, hoje, estamos em condições de acelerar; por isso, essa reunião. Mas quero ver no concreto, quero visitar o Nordeste – visitei muitas vezes. Não creio que nenhum outro Presidente tenha estado tantas vezes no Nordeste e no resto do Brasil como estive.

Mas agora quero ver, de novo, e ver isso produzindo, o resultado da nossa ação. Ministro, pois não.

[Segue-se intervenção do Ministro Gustavo Krause].

Acho importante, também, dizer que para essas obras todas – depois o Ministro do Planejamento vai falar – nós demos prioridade na liberação de recursos. Há, portanto, muitas condições positivas, se nós nos organizarmos mesmo, se houver articulação e se não houver politicagem.

Se não houver a exploração, qualquer que ela seja, se, realmente, nós trabalharmos pensando no flagelo do pobre, pensando no pobre, que precisa do apoio, nós temos condições de dar esse apoio.

Ministro Raul Jungmann, o que o Ministério da Reforma Agrária pode fazer para, também, colocar recursos nessa luta para minorar as dificuldades do Nordeste?

[Segue-se intervenção do Ministro Raul Jungmann].

O Ministro fez referência a uma coisa importante: a Sudene tem que ser novamente mobilizada e prestigiada. A Sudene do Celso Furtado tem que renascer. A Sudene que acredita no Nordeste, com o Banco do

Nordeste ajudando e como pilar disso. E isso implica que o Governo Federal se desloque para a Sudene, freqüentemente, como tem sido feito. Os Ministros têm ido lá. É preciso. É preciso estar interagindo, para sentir de perto a realidade.

Quero aproveitar a ausência do Ministro da Educação e do Ministro da Saúde para informar também que no Ministério da Educação, com o Plano de Valorização do Professor, há um fundo de valorização dos professores primários para receber duas coisas: salário para o professor – é preciso que o município pegue o dinheiro, o dinheiro é federal e estadual, e é preciso também que eles façam obras, porque 40% desses recursos se destinam a obras de escola, pintar a escola, construir uma nova sala de aula, melhorar. Isso emprega gente. E se nós olharmos os números frios, aí temos cerca de 1 bilhão de reais. Esse bilhão não pode ser mais mobilizado por nós do Governo Federal. Já está. Depende de ação local, depende de projeto, depende de alguma coisa que signifique articulação.

E, no caso do Ministério da Saúde, nós temos uma rede de algumas dezenas de milhares de agentes comunitários de saúde. O Ministro Ovídio conversou com o Ministro Serra e eu assisti à conversa. O Ministro Serra disse – não me recordo claramente – que temos, pelo menos, uns 17 a 20 mil agentes comunitários de saúde no Nordeste; 22 mil, no semiárido. Então, é razoável a quantidade de pessoas que podem também ser retreinadas para a questão emergencial, por causa da saúde das crianças nesta época de estiagem. Além disso, o Ministro Serra tomou a providência, que determinei, de que o programa do leite fosse revigorado.

Enfim, agora, o problema não é mais de tomar decisão, já estão tomadas as decisões. Agora, é fazer, lá na ponta, as coisas acontecerem. Repito: não vão acontecer de Brasília. Brasília está fazendo o que pode. É preciso que aconteça na articulação entre Brasília e os governos locais e estaduais.

Agora, peço ao Ministro Paulo Paiva que faça um balanço na área do Planejamento de a quantas andamos.

[Segue-se intervenção do Ministro Paulo Paiva].

Agradeço ao Ministro Paulo Paiva. E quero lhes dizer o seguinte: fiz esta reunião aberta, diante da imprensa e diante do País. Acho, até, que seria muito útil que as reuniões, freqüentemente, fossem abertas, porque elas implicam um compromisso. É uma conversa direta do Governo com o País, com a população. E, por melhor que seja o nosso acompanhamento, por mais que haja Internet, satélites, o que seja, o que conta é o ser humano. Então, é preciso que a pessoa sinta isso.

E como esse compromisso, aqui, é um compromisso público, quero dizer aos Senhores Ministros e Funcionários que vou cobrar, porque assinei decretos e apoiei medidas necessárias. Há condições, portanto, para que as coisas aconteçam. Elas têm que acontecer. Tenho confiança de que elas vão acontecer. Mas fiz questão de que fosse uma reunião pública porque quero que o Nordeste saiba que o Brasil todo está solidário. E não poderia encerrar esta reunião, e me permitam os Ministros da Casa Militar, o Secretário-Geral da Presidência, da Casa Civil, o Representante do Ministério do Exército, além dos que já falaram, de não franquear mais a palavra, porque creio que a reunião tem que ser operacional. Mas não poderia deixar de dizer uma palavra sobre o seguinte: o Ministro Krause mostrou quantas obras estão sendo feitas. Falou do Castanhão, falou – poderia ter falado – do Petrônio Portela, no Piauí. Podia ter falado do Curema-Mãe D'Água – mencionou. Há reservatórios imensos lá, no Rio Grande do Norte, que vi. Um quase do tamanho da baía de Guanabara, em que a água não andava, agora até Cabogi está andando. Está andando para o sertão. Está andando no sertão de Alagoas, tudo bem. Isso não resolve o problema da seca, ajuda. Por quê? Porque, para a pessoa que está lá no meio do mato, no sertão, a água não chega. Nós estamos preparando o Nordeste para que não haja problemas agudos, sobretudo na parte das cidades, porque pode haver. E nós estamos fazendo irrigação. Irrigação requer mão-de-obra capacitada. Tudo isso requer muita água. Então, o nordestino pode me perguntar: "Mas, se tem tudo isso, como é que se vai abastecer de água?" E vai perguntar: "E o São Francisco?"

Bem, quero dizer com clareza porque, nessas coisas, não adianta ficar dizendo meias tintas. O Governo começou uma licitação para

estudar a fase de viabilidade do projeto de transposição do São Francisco. Houve problemas com o Tribunal de Contas. Refizemos a licitação. Alguém me perguntou se havia oposição de outros estados. Isso não é certo. O Ministro Krause já conversou com vários estados, há a possibilidade de um bom entendimento. Então, perguntar-se-á: "Por que não?" Primeiro, porque os estudos não estão prontos; segundo, porque é uma obra importante, que não pode ser feita sem atenção à ecologia, sem atenção às consequências efetivas dela.

Eu, pessoalmente, embora não tenha prometido, quando fui candidato, realizá-la, mais de uma vez disse que acho que o Brasil tem que encarar essa questão. Encarar com seriedade, porque esse sistema todo, inclusive e, sobretudo, o Castanhão, quando estiver ligado a outros açudes que há, na região do Ceará e no sertão, no miolo do sertão, vai precisar de muita água.

Os reservatórios – vi – os grandes permanecem, os menores secam e salinizam. Então, nós não vamos deixar de lado, não estamos deixando de lado, a questão da transposição. E se não foi feito antes, é porque não se têm ainda as definições técnicas adequadas, mas o empenho é grande para que se tenha. E posso assegurar que não haverá resistências regionais, uma vez demonstrada a viabilidade, como acredito que possa vir a ser demonstrado, desta obra, que tem repercussão.

Acho que tudo isso vai ser complementado se nós tivermos a condição efetiva de fazer. Porém um Governo sério e responsável não faz, por demagogia, uma coisa, quando não tem ainda certeza de que o resultado é positivo. Aposto que haverá convergência nessa direção.

Queria finalizar agradecendo, mas reiterando: vou cobrar, porque o que se disse que seria preciso, para que as coisas andassem, foi dado. E vou cobrar, também, dos Governadores, vou cobrar, também, dos Prefeitos, porque isso aqui é mutirão. Solidariedade não tem um lado só, tem que ser em conjunto.

Sei que estão fazendo, muitos até se anteciparam, mas chegou a hora de nós nos darmos as mãos. E o Brasil inteiro tem que dar a mão forte para segurar o povo sofrido do Nordeste.

E o Nordeste não é só seca, o Nordeste se desenvolveu também, cresceu, está crescendo, vai crescer mais. Cresceu na indústria, cresceu no turismo, aumentamos a capacidade geradora de energia. Há um Nordeste vibrante, ao lado desse Nordeste que foi atingido por esse flagelo e ao lado da pobreza, que é, realmente, como eu digo sempre, a chaga do Brasil, que é secular. Nós estamos dando duro para minorá-la, se nós não pudermos acabar com ela. Talvez não se consiga de vez, mas os passos têm que ser dados, e desde já.

Agradeço muito, está encerrada a sessão.

Muito obrigado.